

## É POSSÍVEL LER CRITICAMENTE O FENÔMENO ESPORTIVO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO MÉDIO? UMA CARTA PEDAGÓGICA, UM DESABAFO

Daniel Teixeira Maldonado<sup>1</sup>

Jacareí/SP, 13 de novembro de 2025

Para os(as) professores(as) de Educação Física Escolar

Início essa carta pedagógica mencionando o motivo de escrever sobre a temática do fenômeno esportivo na Educação Física Escolar. Ao terminar a Licenciatura no ano de 2008, já sentia uma pressão enorme para ensinar práticas esportivas quando me tornasse professor em alguma rede de ensino. As minhas aulas de Educação Física nas escolas públicas de São Paulo durante a Educação Básica foram somente vivenciar a gestualidade do futebol e vôlei. O meu estágio na formação docente teve a mesma característica. Relembro que uma das minhas intervenções foi apitar jogos de um interclasse de jovens do Ensino Médio. Esse momento foi tão impactante no meu processo formativo, principalmente por um sentimento que aquela competição escolar não tinha nenhum caráter socioeducativo, que decido ingressar na pós-graduação estudando temas voltados para o currículo e a prática político-pedagógica.

Sendo assim, apenas ao ingressar no mestrado eu descobri que uma das problemáticas mais debatidas na área era a questão do esporte enquanto tema das aulas do componente curricular no cotidiano da Educação Básica. Sabemos que durante a ditadura cívico-militar (1964-1985), a prática esportiva se tornou conteúdo principal da Educação Física Escolar, principalmente a partir dos códigos e regras das competições de alto nível (Bracht; González,

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação Física pela Universidade São Judas Tadeu. Pós-Doutor em Educação pela USP. Docente de Educação Física do Instituto Federal de São Paulo. [danielmaldonado@yahoo.com.br](mailto:danielmaldonado@yahoo.com.br)

2014). Ainda hoje essa realidade se faz presente em muitos contextos educacionais, por conta do treinamento de equipes para a participação nos jogos escolares.

No contexto do Ensino Médio integrado dos Institutos Federais, o foco das atividades de ensino da Educação Física ainda é o esporte em muitos contextos educativos, pois as competições entre os(as) jovens possuem muita força no imaginário social da comunidade escolar. Nesse cenário, me proponho-me a escrever uma carta pedagógica que vai problematizar essa temática.

Ao longo da história as cartas foram utilizadas para as pessoas se comunicarem, registrar fatos históricos e refletir sobre aspectos sociais, políticos, culturais, literários e econômicos de uma determinada época. Levando em consideração as suas especificidades, cartas pedagógicas podem ser consideradas um importante instrumento de escrita para refletir sobre a prática político-educativa, possibilitando que os(as) docentes possam alterar seus planejamentos e repensar a docência, a partir de registros que permitam avaliar aspectos potentes dos processos de ensino e aprendizagem, valorizando os saberes produzidos e sistematizados em diversificadas experimentações didáticas (Dotta; Garcia, 2022).

Para Freire (2000) as cartas pedagógicas não podem ser escritas com um tom arrogante, inviabilizando a comunicação de quem faz a leitura, principalmente por conta de um elitismo teórico, tampouco devem marginalizar o conhecimento sistematizado, apresentando um simplismo reacionário e soberbo. Portanto, os textos escritos nesse formato precisam conter seriedade, segurança, abertura ao diálogo e o gosto da convivência com as pessoas que pensam diferente da gente.

À vista do que foi apresentado, esta carta pedagógica possui o objetivo de relatar uma experiência com a tematização do esporte nas aulas de Educação Física Escolar do Instituto Federal de São Paulo (IFSP) - campus Jacareí, com a intencionalidade de problematizar o fenômeno esportivo e a sua relação com a função social do componente curricular na educação profissional de nível médio.

As atividades de ensino ocorreram entre os meses de maio e outubro de 2025, com 80 estudantes dos cursos de Administração e Informática integrados ao Ensino Médio, que estavam no primeiro ano. Todas as informações foram produzidas a partir dos registros fotográficos e diário de campo sistematizados pelo docente de Educação Física das duas turmas.

## **Professor de Educação Física que não gosta de esporte?**

Atuo como docente de Educação Física no Ensino Fundamental e Médio desde 2010. Assim que adentrei aos muros escolares, sempre escutei que “não ensinava esporte”, pois nunca tive uma experiência como atleta profissional e não entendia os “valores transmitidos pelas manifestações esportivas”. Ressalto que essa narrativa não é verdadeira, mas o que sempre me incomodou foi uma visão ingênua e salvacionista disseminada nas escolas relacionada com essa prática da cultura corporal.

Em 2025 completei 10 anos de docência no IFSP e, como não podia ser diferente, essa cobrança sobre a minha visão do esporte se intensificou por parte de estudantes, professores(as) e equipe gestora. Isso acontece porque ainda existe um imaginário na população que a função social da Educação Física no Ensino Médio é formar equipes esportivas e preparar os(as) futuros(as) trabalhadores(as) para cuidarem da sua saúde como empreendedores(as) de si mesmos(as).

Por conta dessa conjuntura que o esporte sempre aparece como um potente tema de discussões, reflexões, análises e vivências durante as minhas aulas. Tenho uma ideia que muitos(as) educadores(as), ao lerem esta carta, já tiveram os mesmos sentimentos que os meus e, exatamente por conta disso, organizaram projetos educativos que potencializam uma leitura crítica do fenômeno esportivo com os(as) jovens espalhados(as) em todo o território brasileiro.

Esse debate é tão apaixonante que, ao menos, nos últimos 40 anos, muitas produções acadêmicas foram disseminadas em revistas científicas, livros e outros meios de comunicação. Mesmo sendo uma análise demarcada pela década de 1990, gosto de relembra o texto de Bracht (2000/2001) relacionado aos equívocos/mal entendidos que se espalharam pela área sobre os(as) professores(as) que ensinam esportes a partir das lentes de teorias críticas.

1 – Quem critica o esporte é contra essa manifestação cultural;

2 – Tratar criticamente o esporte nas aulas de Educação Física é ser contra a técnica esportiva;

3 – Uma visão maniqueísta que os(as) docentes críticos(as) são apenas a favor do lúdico, que possui como característica o prazer, a espontaneidade, a liberdade e a verdadeira “humanização”, descartando completamente as questões do rendimento esportivo, pois causariam a mecanização do ser humano e são orientados pela razão instrumental, sacrifício, dor e manipulação; e

4 – Tratar criticamente do esporte na escola é abandonar o movimento em favor da reflexão.

Mesmo passados 25 anos da publicação desse texto, compreendo que preciso explicar, diariamente, essas falsas narrativas, que foram produzidas, na minha visão, por aqueles(as) professores(as) de Educação Física que acreditam só fazer sentido aulas do componente curricular no qual apenas o treinamento esportivo se faz presente, principalmente para treinar pequenos grupos de estudantes que irão participar de competições representando a escola.

Ao me inspirar na perspectiva crítico-libertadora da Educação Física, que possui como função social tematizar e problematizar os aspectos históricos, sociais, políticos, econômicos e biológicos que atravessam as práticas corporais (danças, esportes, lutas, ginásticas, jogos e brincadeiras), produzindo leituras densas e críticas do mundo sobre a gestualidade dessas manifestações da cultura corporal com as novas gerações (Nogueira; Maldonado; Freire, 2023; Maldonado, 2024), buscando a construção coletiva de um corpo consciente a partir dos saberes dos grupos oprimidos (Bossle, 2021; 2023), tenho sistematizado, de forma colaborativa, projetos educativos com jovens do Ensino Médio que tematizam e problematizam o fenômeno esportivo.

### **É preciso ler o mundo para refletir sobre o esporte como uma manifestação da cultura corporal**

Ao iniciar o ano letivo com os(as) jovens do 1º ano dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio, sempre pergunto para eles(as) como foi a experiência com as aulas de Educação Física no Ensino Fundamental. Embora tenha escutado relatos interessantes de alguns(mas) educandos(as), com ampliação das vivências e análises das práticas corporais, o esporte ainda é hegemônico nas experimentações. Sendo assim, costumo fazer essa investigação temática para levantar temas geradores que precisam ser problematizados ao longo do ano.

Em 2025, percebi uma visão colonizada relacionada com as manifestações da cultura corporal e ingênua sobre o fenômeno esportivo, pois muitos desses(as) estudantes já tinham participado e queriam continuar disputando competições escolares, sem produzir nenhuma análise mais crítica sobre os sentidos e significados dessas experiências. Nesse cenário, organizei um projeto sobre práticas corporais afro-brasileiras e indígenas, que durou até

meados de abril e, logo depois, iniciamos as nossas atividades educativas para tematizar e problematizar as manifestações esportivas.

Nesse período, vivenciamos diferentes esportes, tais como: rugby, tchoukball, kinball, frescobol, tênis, badminton, frisbee, goalball, basquete em cadeira de rodas, vôlei sentado, slackline, ronkrã e futebol, como é possível ver nas imagens a seguir.

**Imagem 1** – Vivências esportivas nas aulas de Educação Física no Ensino Médio



Tchoukball



Rugby



Kinball



Frescobol



Badminton



Frisbee



Goalball



Basquete em cadeira de rodas



Vôlei sentado



Slackline



Ronkrã



Futebol

**Fonte:** Produzido pelo autor

Se faz importante destacar que todas essas experimentações produziam leituras densas da realidade, indo ao encontro do conceito defendido por Maldonado (2024) de práticas corporais-mundo, pois na perspectiva libertadora de Paulo Freire, todas as aulas são oportunidades históricas de mostrar que as injustiças sociais evidenciadas na estrutura capitalista podem ser superadas, pois a história atual precisa ser vista como um tempo de possibilidades para avançar nas pautas sociais.

Freire (2020) nos alerta que os seres humanos podem muito mais do que apenas se adaptar às condições objetivas do seu tempo histórico, sendo possível sonhar coletivamente com transformações reais do mundo. Portanto, é preciso tornar nítido, com discursos conscientes e ações político-pedagógicas democráticas, a tensão dialética entre autoridade e liberdade, apontando os aspectos ideológicos existentes em cada escolha feita pelos(as) estudantes, sendo elas no sentido de adaptação ou de transformação da realidade material opressora, mas sem nunca obrigar ninguém a pensar da mesma forma que o(a) docente.

À vista disso, analisamos criticamente as relações de gênero que atravessam o mundo esportivo ao experimentar a gestualidade do frisbee, frescobol e badminton, pois são esportes que possibilitam times mistos na estrutura das competições. Ainda nesse tema, discutimos o futebol de mulheres, estimulando que as estudantes contassem as dificuldades que encontram para aprender essa prática esportiva. Por fim, na vivência do rugby, os treinadores da equipe feminina de Jacareí foram no campus, apresentando aos(às) jovens o nível de treinamento das jogadoras que representam a cidade, problematizando o discurso falacioso que esportes com muito contato são prejudiciais para as mulheres.

Na tematização dos esportes para pessoas com deficiência, aprender a jogar o goalball, vôlei sentado e uma adaptação do basquete em cadeira de rodas potencializou analisar a realidade vivida diariamente por esses seres humanos, além de apontar a importância das práticas corporais para que eles(as) melhorem a sua saúde. Outro ponto de extrema relevância foi construir uma ideia anticapacitista da experiência dos(as) atletas deficientes que disputam competições esportivas.

As aulas de esportes alternativos (tchoukball e kinball) ampliaram o olhar dos(as) estudantes sobre duas questões importantes. A primeira delas foi vivenciar modalidades esportivas sem contato físico, sendo essa característica uma proposta de seus idealizadores. A outra foi compreender a importância do sistema tático e da coletividade para essas manifestações da cultura corporal, pois as suas próprias regras estimulam um trabalho mais colaborativo entre os(as) jogadores(as) de cada equipe.

A atividade de ensino organizada sobre o slackline foi muito interessante, pois vários(as) jovens compreenderam que os esportes radicais possuem características mais juvenis, estimulando a torcida para que todos(as) os(as) competidores(as) consigam se sair muito bem durante os eventos. A gestualidade dessa prática da cultura corporal ainda provocou adrenalina, sensação de vertigem e medo nos(as) estudantes, sendo que esses sentimentos são importantes de ser analisados com as juventudes. Para finalizar, conseguimos discutir sobre as questões ambientais, já que muitas modalidades desse esporte são realizadas na natureza.

Praticar uma manifestação esportiva realizada por etnias indígenas, como o ronkrã, também foi importante para compreender que os esportes, para muitos coletivos advindos dos povos originários, são realizados para que as pessoas se integrem, deixando de lado a ideia de jogar por medalhas, profissão ou chegar em um rendimento esportivo máximo.

Após mostrar a quantidade de vivências da gestualidade esportiva que realizamos durante esse projeto educativo, finalizo essas reflexões superando alguns dos maus entendidos sobre a tematização dos esportes na Educação Física Escolar em uma perspectiva crítica, pois em nenhum momento essas aulas se tornaram apenas uma “reflexão sobre o movimento” ou marginalizaram a técnica, mas tiveram como enfoque a leitura crítica do mundo sobre modalidades esportivas, levando em consideração os seus aspectos culturais, técnicos, táticos, históricos, políticos, econômicos, sociais e biológicos.

Em diálogo com Silva (2025), que pensou em possibilidades para tematizar os esportes nas aulas de Educação Física em uma perspectiva libertadora, aponto a importância de construir aulas com os(as) educandos(as), compreendendo as situações-limites presentes naquele contexto, fazendo problematizações que superem uma visão ingênua da realidade a partir do planejamento participativo, com a intencionalidade de ampliar a consciência crítica de todos(as) os(as) envolvidos no projeto educativo.

### **Problematizar a realidade para construir coletivamente a consciência crítica sobre o mundo dos esportes**

Problematizar a realidade se torna uma das premissas mais importantes das aulas de Educação Física inspiradas em uma perspectiva crítico-libertadora. Todavia, para que isso ocorra, o(a) professor(a) do componente precisa pesquisar materiais advindos de diferentes linguagens produzidas pela humanidade, sempre estando atento para que as discussões

sistematizadas nesses artefatos apresentem a perspectiva dos grupos oprimidos, desconstruindo a visão dominante e ingênua dos temas que estão sendo discutidos. Sendo assim, na experiência descrita nesta carta pedagógica, realizamos diversificadas e densas análises do fenômeno esportivo.

A leitura de diversas crônicas sobre temas que envolvem a participação de mulheres trans nos esportes; produção hormonal e competições esportivas de pessoas do sexo feminino; machismo e sexismo na história das Olimpíadas; questões políticas que atravessam os megaeventos esportivos; atletas paralímpicos e capacitismo; além de geopolítica e esporte, foi imprescindível. Para orientar esses debates, os seguintes textos foram utilizados: "Pai das Olimpíadas queria mulher só aplaudindo homem: paridade marca Paris", "Paraolímpicos são atletas treinados em busca de performances marcantes", "Menino ou menina?", "Mulheres trans devem ser banidas do esporte? presunção que elas têm, necessariamente, vantagens competitivas em relação às cis carece de evidências", "A copa do mundo é política: a FIFA não quer que seja, mas ela é", "Esporte pode 'quebrar' nossas crianças e "Por que a Rússia está banida do esporte e Israel não?"

Realizar análises de reportagens jornalísticas, no qual os(as) estudantes, em dupla, fizeram a apresentação dos principais temas abordados pelos textos, também foi preponderante. As problemáticas levantadas nesse momento foram: esporte e gênero; raça; economia; meio ambiente; violência; religião; e inclusão social, potencializando reflexões sobre os marcadores socioculturais contemporâneos que são observados nas práticas esportivas. Dentre essas produções, aponto algumas que foram muito relevantes para o debate: "Acabou Jujuca"! E agora escrevo para te dizer que você não teve culpa", "As mulheres que desafiaram a lógica e mudaram a história do esporte", "O surfe é racista, machista e LGBTfóbico, denuncia surfista de Pernambuco em evento da ONU", "Aos 12 anos, Giovanna brilha jogando entre os meninos", "Transfobia, proibição e dores: atletas trans falam sobre as dificuldades", "Efeito Bet faz procura para tratar vício em jogo crescer 175% no HC", "Noruega é multada em mais de R\$ 9 mil por não jogar de biquíni no Europeu de Handebol de Praia: jogadoras optaram por usar shorts ao invés da parte de baixo de biquíni", "Clubes do país avançam em debate e inclusão de pessoas com autismo", e "O esporte está ficando mais quente, difícil e mortal".

Outro ponto de destaque foi sistematizar reflexões sobre corpos que politizam os esportes, como a primeira atleta trans a disputar uma olimpíada (Laurel Hubbard), dois atletas negros norte-americanos que fizeram gestos de protestos no pódio dos jogos olímpicos de

1968 (Tommie Smith e John Carlos), um esportista de atletismo (Jesse Owens) que participou das olimpíadas na Alemanha nazista em 1936, desafiando as narrativas xenofóbicas de Hitler e uma mulher do atletismo que foi proibida de participar das competições por produzir mais testosterona que as outras atletas (Caster Semenya). Faz-se importante destacar que todas essas atividades de ensino foram organizadas a partir dos trabalhos produzidos pelas turmas de 3º ano do Ensino Médio, em uma disciplina intitulada como “Corpo e Arte”, na qual foi oferecida de forma obrigatória pela primeira vez no ano de 2025.

A seleção e apreciação de documentários que estimularam o debate sobre a história, as regras e as características do frisbee, tchoukball, kinball, slackline e jogos mundiais dos povos indígenas foi fundamental. Em relação às práticas esportivas vivenciadas por diferentes etnias indígenas, questões entre tradição, competição e valorização da cultura foram problematizadas, além de possibilitar que os(as) jovens passassem a reconhecer manifestações culturais como cabo de força, futebol de cabeça, corrida de tora, canoagem, arco e flecha, dentre outras.

A roda de conversa com a atleta paralímpica de natação Maiara Barreto possibilitou que os(as) estudantes conhecessem os bastidores e benefícios do esporte para pessoas com deficiência, as características das provas de natação paralímpica, preconceitos e atitudes capacitistas que esses(as) competidores(as) ainda sofrem, além de refletir sobre a construção de uma sociedade inclusiva, a partir da história da convidada, que ficou tetraplégica após um acidente na adolescência e passou por diversas dificuldades para conseguir ter uma vida digna, como encontrar quartos de hotéis com adaptação, ruas adequadas para se locomover com a cadeira de rodas, dentre outras questões de ordem estrutural das cidades.

Vivenciar a atividade da salvaguarda da capoeira na cidade de Jacareí-SP, a partir de um diálogo com o mestre Wilson, se tornou substancial para que os(as) educandos(as) compreendessem de forma aprofundada as seguintes problemáticas: capoeira como prática cultural ou esporte? É possível esportivizar a capoeira, se cada mestre(a) ensina a sua gestualidade de uma maneira diferente? Todo o processo de resistência negra se perde quando essa manifestação da cultura corporal se torna modalidade esportiva? Quais são as características das competições envolvendo a capoeira?

Escutar os resultados de um trabalho de iniciação científica, realizado por uma estudante do Ensino Médio do campus, que estudou todas as informações existentes sobre o futebol de mulheres no museu do futebol, localizado na cidade de São Paulo-SP, foi uma ação significativa que estimulou argumentos críticos sobre a história dessa prática corporal

no Brasil e colocou em evidência a possibilidade dos(as) jovens participarem de projetos científicos com bolsa de estudos envolvendo a área de Educação Física. Nesse mesmo momento, recebemos para uma conversa a idealizadora do projeto “quero jogar futebol feminino”, a ativista Priscila Gregati, que já estimulou a participação de muitas meninas e mulheres que queriam vivenciar essa manifestação da cultura corporal em São José dos Campos-SP, mas não encontravam espaços que oferecessem a prática esportiva. As experimentações realizadas com os(as) jovens foram sistematizadas por uma das treinadoras do projeto, a ex-atleta Amanda Soares, que também contou a sua história e as dificuldades que passou para ser praticante dessa modalidade esportiva em equipes profissionais.

**Imagem 2** – Registro das rodas de conversa realizadas pelos(as) convidados(as) com os(as) estudantes do Ensino Médio



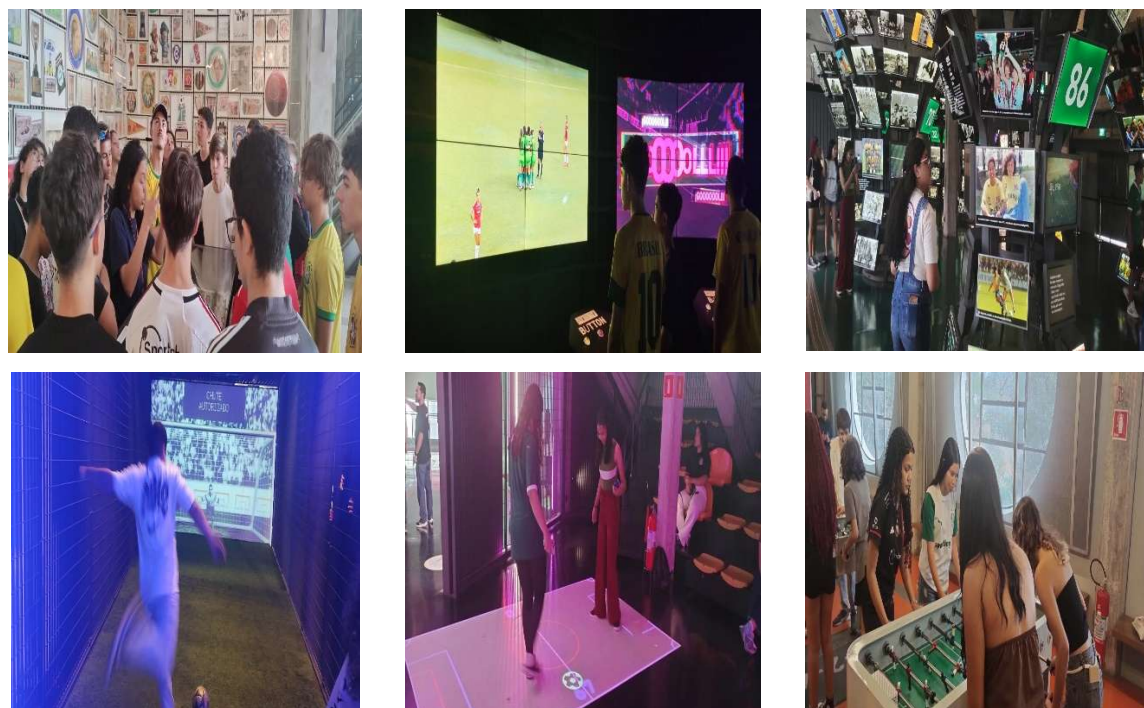
**Fonte:** Produzido pelo autor

Após muito esforço para conseguir verba, também foi possível organizar uma visita ao museu do futebol para os(as) estudantes pesquisarem sobre as copas do mundo femininas (1991, 1995, 1999, 2003, 2007, 2011, 2015, 2019 e 2023) e a história de uma jogadora que participou desses megaeventos esportivos, sendo as seguintes atletas escolhidas para a apresentação dos trabalhos: Leticia Izidoro Lima da Silva, Kátia Cilene, Tamires Cassia Dias de Britto, Márcia Taffarel, Bruna Benites, Delma Gonçalves (Pretinha), Grazielle Pinheiro

Nascimento, Miraildes Maciel Mota (Formiga), Mônica Alvez, Sisleide do Amor Lima (Sissi), Marileia dos Santos (Michael Jackson), Juliana Cabral, Aline Pelegrino e Andressa Cavalari Machry (Andressinha).

Durante as apresentações para o restante da turma, cada grupo de jovens problematizou a vida dessas personagens, destacando diversas dificuldades para que elas conseguissem se profissionalizar no esporte, como a falta de equipes, estrutura precária para treinamento, baixos salários e preconceito. Outra questão destacada foi a proibição do futebol feminino durante décadas no território brasileiro, por conta de um discurso que essa modalidade esportiva poderia “masculinizar” as meninas e dificultar o processo da maternidade.

**Imagem 3** – Registro da visita ao Museu do Futebol



**Fonte:** Produzido pelo autor

Jucá e Maldonado (2024) destacam que a educação libertadora ganha potência quando o(a) docente de Educação Física Escolar consegue analisar criticamente os marcadores socioculturais contemporâneos (gênero, raça, deficiência, inclusão, classe social) que perpassam as práticas corporais de forma interseccional, apontando para os(as) educandos(as) que muitas pessoas sofrem diversas opressões ao mesmo tempo no seio da sociedade neoliberal, dificultando ainda mais viver uma vida com bem-estar social.

Nesse cenário, problematizamos todas essas temáticas nas aulas de Educação Física, com a intencionalidade que os(as) educandos(as) conseguissem ler o mundo criticamente sobre as manifestações da cultura corporal, possibilitando que todos e todas analisassem, de forma densa, os aspectos sociais que se manifestam nos esportes, compreendendo que cada modalidade esportiva, como prática cultural, possui um viés ideológico, sendo materializada de acordo com o contexto local da experimentação e a estrutura social de um determinado período histórico.

Como um dos instrumentos de avaliação do semestre, solicitei que os(as) educandos(as) produzissem fotos de temas sobre o mundo esportivo que foram debatidos e marcaram as suas vidas de forma significativa.

**Imagem 4** – Fotos produzidas pelos(as) estudantes sobre os marcadores socioculturais que atravessam os esportes



**Fonte:** Produzido pelo autor

Dando continuidade ao processo avaliativo, nos últimos quatro anos, tenho pesquisado perguntas sobre esportes que já estiveram no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), contendo temas que problematizavam o racismo, o machismo e a transfobia que fazem parte do mundo esportivo, além de refletir sobre a ideia de uma manifestação esportiva com características populares, sem se submeter aos interesses midiáticos. Esse processo de investigação culmina em uma avaliação com os(as) estudantes contendo essas perguntas. Como as indagações são muito difíceis, leio cada uma delas e vou explicando as teorias que inspiram a resposta correta, entendendo que esse momento também pode ser considerado um espaço de aprendizagem e reflexão crítica da realidade.

Para finalizar as atividades avaliativas, sistematizei cinco situações-problema relacionadas com a prática esportiva, com temáticas que foram debatidas durante as aulas de Educação Física, como é possível observar a seguir.

1 – Marcela é uma mulher trans e está tentando entrar em uma equipe feminina para

jogar vôlei. Ao falar sobre a sua identidade de gênero, o técnico disse que ela não poderia jogar no time. Explique quais argumentos Marcela pode utilizar para mostrar que o treinador está equivocado na sua postura.

2 – Maiara é uma nadadora que compete nas paralympíadas na equipe de natação. Dentre muitas dificuldades enfrentadas pela atleta, ela relata o capacitismo que ainda enfrenta na sociedade. Por quais motivos as pessoas ainda enxergam os esportes para deficientes de forma capacitista? Como que a prática esportiva para essas pessoas ocorre na realidade?

3 – Vinícius sofre racismo em diversos jogos de futebol, mesmo sendo um atleta muito habilidoso. Embora não seja fácil, o jogador não abaixa a cabeça e enfrenta as atitudes racistas como forma de resistência. Quais outros(as) atletas que Vinícius se inspira para continuar lutando por uma sociedade mais justa? Conte um pouco da história desses personagens.

4 – Os esportes para os povos originários possibilitam uma troca de cultura e saberes de indígenas de todo o mundo. Marcelo é um jornalista que precisa contar a história do evento. Quais elementos desses jogos você explicaria para que o jornalista pudesse escrever a reportagem?

5 – Amanda é uma jogadora de futebol que superou diversas dificuldades para se tornar praticante dessa modalidade esportiva. Quais situações e histórias de ex-jogadoras você contaria para uma pessoa que não conhece a história do futebol de mulheres?

Após ler as questões, os(as) educandos(as) precisavam escolher três dessas situações para responder, trazendo os conhecimentos que aprenderam durante as aulas de Educação Física. Alguns(mas) dos(as) jovens fizeram um texto autoral com potentes reflexões sobre esses temas. Sendo assim, escolhi uma dessas produções para exemplificar o processo de leitura crítica de mundo após todas as experimentações e reflexões produzidas nesse projeto de esportes.

**Quadro 1** – Texto autoral produzido por um estudante articulando três situações-problemas sobre o fenômeno esportivo

### **Esportes**

No mundo que vivemos há uma diversidade de pessoas, cada uma com características particulares, e devemos respeitar e aceitar nossas diferenças, sendo a favor de um mundo igualitário, onde todos são vistos com os mesmos olhos e tratados com a mesma justiça. Mas infelizmente nem tudo acontece dessa forma, sendo um exemplo nítido no mundo dos esportes.

No esporte feminino é muito forte a presença desse preconceito. Houve um caso de uma jogadora de vôlei, que era mulher trans e foi impedida de entrar em uma equipe por conta disso. O ocorrido foi uma calúnia, pois a identidade de gênero é um direito reconhecido por lei, então nos esportes deve ser aceito o gênero que a pessoa se identifica, não seu sexo biológico. Sem contar que níveis mais altos de testosterona não necessariamente provam uma desigualdade entre mulheres trans e cis, pois no esporte masculino existem casos de atletas com índices de testosterona mais elevados que outros, mas nunca foram impedidos de jogar e praticar a sua modalidade.

Outro exemplo é nos esportes paralímpicos, onde muitas pessoas olham para os atletas e são capacitistas, pois pensam que eles são “coitados”, menos capazes do que fazem e praticam esportes apenas para o bem da sua saúde, como uma “superação”. Ou seja, não enxergam que essas pessoas realizam um esporte competitivo. Essa visão é extremamente errada, pois os(as) atletas paralímpicos passam pelo mesmo processo dos(as) atletas olímpicos: treinam esforçadamente para competir, sofrem pela pressão de praticar em alto nível, precisam regular peso e alimentação, etc. Os esportes paralímpicos exigem muita preparação e nem sempre isso é reconhecido.

Toda essa desigualdade de tratamento não ocorre nos esportes vivenciados pelos povos originários, pois para eles as práticas esportivas são muito mais que uma competição para perder ou vencer. São celebrações que unem cultura e tradição de diversas comunidades indígenas, representam um espaço de valorização das raízes e da identidade dos povos. Nesses eventos, são praticados esportes um pouco diferentes daqueles que conhecemos, como o arco e flecha, corrida de tora, canoagem e futebol de cabeça.

Além das práticas esportivas, os jogos trazem apresentações culturais, músicas, danças, pinturas corporais e rituais, que expressam a ligação profunda com a natureza e seus ancestrais. Com isso, há uma troca de culturas, que serve para fortalecer a diversidade e o respeito entre os povos originários.

**Fonte:** Produzido pelo autor.

Nessa conjuntura, destaco que buscar a construção da consciência crítica dos(as) educandos(as) sobre os esportes exigiu pesquisa, diálogo, coletividade e resistência, pois a visão ingênua dessa problemática coloca os sujeitos em uma zona de conforto que não precisa ser confrontada. Para exemplificar, é muito mais fácil dizer que as meninas não fazem esporte porque são preguiçosas do que compreender um processo histórico de opressão contra as praticantes dessas manifestações da cultura corporal, ou disseminar o discurso ideológico que algumas modalidades esportivas devem ser realizadas apenas por homens por conta da sua “natureza”. Outras situações muito comuns é apontar que vivenciar práticas esportivas é sempre saudável e que os(as) atletas paralímpicos(as) só vivenciam a gestualidade das modalidades para melhorar a sua locomoção, fatos esses que não são verídicos, pois o mundo esportivo de alto nível causa

um desgaste tão grande na vida dessas pessoas que muitas delas passam por crises de depressão, ansiedade ou utilizam substâncias ilícitas para vencer as provas.

Na perspectiva de Freire (1980), em um primeiro momento, os seres humanos, ao tomarem contato com um determinado fenômeno, possuem uma posição ingênua. A conscientização implica que as pessoas ultrapassem a esfera espontânea da apreensão da realidade, construindo uma visão crítica e assumindo uma posição epistemológica. Portanto, quanto mais se conscientiza, o ser humano amplia a possibilidade de desvelar todas as opressões que influenciam o contexto em que vive, analisando os fenômenos sociais com criticidade. Sendo assim, a conscientização potencializa a inserção das pessoas na história, implicando que assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo.

Todavia, se faz importante salientar que esse processo de tomada de consciência, nunca termina. Cada pessoa, quando se aprofunda para conhecer um determinado fenômeno, compreende mais elementos da sua realidade. Freire (1980, p. 27) aponta que “a conscientização, que se apresenta como um processo num determinado momento, deve continuar sendo processo no momento seguinte, durante a qual a realidade transformada mostra um novo perfil”.

Ao se conscientizar, cada pessoa é convidada a assumir um posicionamento utópico em relação ao mundo. Sendo assim, se faz necessário esclarecer que a utopia está longe de ser algo não realizável, tão pouco pode ser considerada idealismo, mas está relacionada, a partir da dialética, em atos de denunciar e anunciar, apontando, por exemplo, a estrutura opressora e ações que buscam a humanização. A vista dessa realidade, considerar a utopia é um compromisso histórico dos seres humanos (Freire, 1980).

Trazendo esse debate para o cotidiano da escola, quando os(as) educandos(as) percebem a realidade como densa, eles(as) passam a organizar um movimento de pensamento dialético em suas análises de situações reais, passando do abstrato para o concreto. Assim, torna-se possível que os indivíduos se comportem de forma politizada frente à realidade objetiva, uma vez que esse cenário deixou de se apresentar como algo que não pode ser modificado (Freire, 1980).

À vista do que foi apresentado, analisando o processo de tematização e problematização sobre os esportes feitos nas aulas de Educação Física no Ensino Médio compartilhadas nessa carta pedagógica, concordando com Freire (1980, p. 31)

a codificação, a princípio, toma a forma de uma fotografia ou de um desenho que representa uma situação existencial real ou uma situação existencial real construída

pelos alunos. Quando se projeta está representação, os alunos fazem uma operação que se encontra na base do ato do conhecimento; se distanciam ao objeto cognoscível. Dessa maneira os educadores fazem a experiência da distanciação, de forma que educadores e alunos possam refletir juntos, de modo crítico, sobre o objeto que os mediatiza. O fim da decodificação é chegar a um nível crítico de conhecimento, começando pela experiência que o aluno tem de sua situação em seu "contexto real".

Ao descodificar determinado saber, os(as) educandos(as) passam a perceber relações entre diversificados fatos que a situação real analisada apresenta, ampliando a sua visão de mundo sobre essa realidade. Sendo assim, todas as aspirações, motivos e objetivos existentes nos temas que afetam os(as) estudantes são problemáticas humanas, não podendo ser captadas fora das contradições do processo de humanização (Freire, 1980).

Por fim, destaco que cada educando(a) é um “ser-em-situação” submerso(a) em condições do tempo societário em que vive, no qual pode se desafiar a transformar o mundo quanto mais refletir de maneira crítica sobre a sua existência, se humanizando. Dessa forma, ela(a) se torna criador de cultura e fazedor(a) da história, recriando e transformando a realidade em que vive (Freire, 1980).

Para que isso aconteça, Freire (1980, p. 39) ressalta que:

é preciso que a educação esteja, em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos, adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história.

Após refletir muito durante todo esse processo educativo, eu e o outro docente de Educação Física do campus (que leciona para as turmas do 2ª ano do Ensino Médio) sistematizamos um dia de atividades esportivas no parque da cidade de Jacareí, com a intencionalidade que os(as) educandos(as) pudessem vivenciar a gestualidade de várias modalidades experienciadas nas aulas em uma perspectiva participativa e do lazer. Esse momento foi muito importante, pois conseguimos realizar um jogo de futebol feminino com as estudantes, vivência que não acontecia, nesse contexto educativo, desde o final da pandemia de COVID-19.

**Imagem 4 – Vivências esportivas no parque da cidade de Jacareí**



**Fonte:** Produzido pelo autor

Ao finalizar a escrita deste texto, passei a sistematizar o quadro 2, que resume as linguagens utilizadas para problematizar a realidade e os temas discutidos nas aulas de Educação Física que envolvem a prática esportiva com os(as) jovens do Ensino Médio integrado durante o ano letivo de 2025.

**Quadro 2** – Linguagens utilizadas para problematizar diferentes temas sobre o mundo dos esportes

<b>Linguagem utilizada</b>	<b>Temas discutidos</b>
Crônicas	Participação de mulheres trans nos esportes; produção hormonal e competições esportivas de pessoas do sexo feminino; machismo e sexismo na história das Olimpíadas; questões políticas que envolvem os megaeventos esportivos; atletas paralímpicos e capacitismo; geopolítica e Esporte.
Reportagens jornalísticas	Esporte e gênero, raça, economia, meio ambiente, violência, religião e inclusão social.
Documentários	Frisbee, tchoukball, kinball, slackline e jogos mundiais dos povos indígenas.
Visitações	Museu do futebol (análise da participação de mulheres no futebol ao longo do tempo) e parque da cidade de Jacareí (organização de um dia com todas as vivências esportivas realizadas durante as aulas de Educação Física).
Rodas de conversa	Maiara Barreto – atleta paralímpica; Priscila Gregati - idealizadora do projeto “quero jogar futebol feminino” e Mestre Wilson – atividade da salvaguarda da capoeira na cidade de Jacareí-SP versando sobre a relação dessa manifestação cultural com o mundo esportivo.
Trabalho de iniciação científica	Apresentação da pesquisa científica intitulada “Elas resistem: futebol de mulheres como tema da Educação Física Escolar.
Fotos	Invisibilidade das mulheres e das pessoas com deficiência nos esportes, transfobia nas práticas esportivas, corrupção nas peneiras de futebol e interesse da mídia apenas por modalidades esportivas convencionais.
Perguntas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)	Perguntas de temas que envolvem o universo esportivo.
Situações-problema	Análise de situações cotidianas envolvendo as práticas esportivas, a partir das reflexões que foram realizadas nas aulas.

**Fonte:** Produzido pelo autor.

## **Reflexões finais**

Escrevi esta carta pedagógica para refletir sobre uma experiência educativa com a tematização e problematização dos esportes nas aulas de Educação Física no Ensino Médio, especificamente em cursos de educação profissional oferecidos pelo IFSP. Todavia, ao finalizar o texto, decidi nomear o material como uma carta-desabafo. Em todos os contextos educacionais que atuei, tive que lidar com discursos ideológicos de que odiava o mundo esportivo, pois não tinha sido um atleta e me recusava a treinar equipes para competições escolares. Essa realidade não foi diferente nos últimos 10 anos, no qual atuo como docente do IFSP.

As atividades realizadas com os(as) jovens no projeto educativo em tela mostram a importância dos esportes enquanto tema da Educação Física Escolar no meu planejamento. Sempre que levanto as temáticas que interessam os(as) estudantes, as manifestações esportivas aparecem, pois possuem visibilidade midiática e estão marcadas de forma contundente no corpo dos grupos oprimidos e filhos(as) da classe trabalhadora.

Resgatando os princípios de uma carta pedagógica, deixo aqui algumas indagações para reflexão coletiva. Quais são as dificuldades que outros(as) professores(as) possuem de organizar projetos educativos sobre os esportes de forma politizada nas aulas de Educação Física? Quando conseguem realizar essas experiências, quais temas marcam mais os(as) estudantes? Como a comunidade escolar entende o trabalho feito nessa perspectiva? Existem experiências mais humanizadas com atividades esportivas realizadas nas escolas, rompendo com a reprodução das competições de alto nível no cotidiano escolar? Quais teorias têm inspirado a tematização e problematização dos esportes em uma perspectiva crítica?

Enfim, espero receber cartas de outros(as) educadores(as) em um futuro próximo para que possamos continuar o diálogo sobre o ensino dos esportes nas aulas de Educação Física no contexto da Educação Básica.

**Palavras-chave:** Educação Física libertadora; Consciência crítica; Esportes.

## REFERÊNCIAS

BOSSLE, Fabiano. Carta-utopia: palavras para uma teoria pedagógica da educação física escolar crítico-libertadora. In: MEIRELES, Bruno Freitas *et al.* **Freireando há 100 anos: o encontro com a Educação Física Escolar**. Curitiba: CRV, 2021. p. 139-149.

BOSSLE, Fabiano. Algumas notas para constituição de uma teoria pedagógica crítico-libertadora da Educação Física (escolar): corpo do oprimido/corpo consciente/onto-episteme. BOSSLE, Fabiano; PRODÓCIMO, Elaine; MALDONADO, Daniel Teixeira. **Diálogos da educação libertadora de Paulo Freire com a Educação Física escolar**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2023. p. 52-78.

BRACHT, Valter. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**. Ano, VI, n. 12, p. 14-24, 2000/2001.

BRACHT, Valter; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Educação Física Escolar. GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário crítico da Educação Física**. 3 ed. rev. e ampl. Ijuí: Unijuí, 2014. p. 241-246.

DOTTA, Carla Luiz Salaibb; GARCIA, Elisete Enir Bernardi. Cartas pedagógicas: uma inspiração freireana. **Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v. 30, n. 1, p. 69-84, jan./abr. 2022.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3 ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

JUCÁ, Luan Gonçalves; MALDONADO, Daniel Teixeira. Marcadores socioculturais, interseccionalidade e Educação Física Escolar: premissas de um currículo crítico-libertador

no Ensino Médio Integrado dos Institutos Federais. **Diversidade e Educação**, v. 12, n. 2, p. 812-837, 2024.

MALDONADO, Daniel Teixeira. Educação Física Escolar, pensamento freireano e pedagogia crítico-libertadora. **Revista de Educação Popular**. Uberlândia, v. 23, p. 38-59, 2024.

NOGUEIRA, Valdilene Aline; MALDONADO, Daniel Teixeira; FREIRE, Elisabete dos Santos. A construção coletiva de princípios epistemológicos, políticos e pedagógicos da Educação Física Escolar libertadora. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, n. Edição Especial, p. 296–319, 2023.

SILVA, Antonio Jansen Fernandes. **Tematizando o esporte à luz da pedagogia freireana nas aulas de Educação Física Escolar**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2025.